

Transnacionalização religiosa: fluxos e redes

Transnacionalización religiosa: flujos y redes.

ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto; RICKLI, João (orgs.). **Transnacionalização religiosa: fluxos e redes.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012. 202p.

Assis Felipe Menin*

Com o objetivo de trazer ao leitor uma análise dos processos de transnacionalização religiosa, seus fluxos e suas redes, os organizadores desta coletânea da série *Antropologia Hoje*, desenvolvida por pesquisadores holandeses da universidade de Amsterdã e da UFRGS, buscam traçar um panorama dos movimentos, dos deslocamentos e dos importantes trânsitos religiosos entre fronteiras nacionais e internacionais no mundo contemporâneo, bem como, suas (re)negociações, suas práticas, os conflitos sociais e de tradição religiosa, os quais podem ocasionar em contato com as fronteiras geográficas e étnicas e o “outro”. O livro está dividido em oito artigos com diferentes situações e temáticas religiosas em diversos espaços sociais, locais e globais.

O primeiro texto é de Ari Pedro Oro e Daniel Alves, nesse artigo, os autores analisam o pentecostalismo globalizado de pequenas e médias igrejas, especificamente na Argentina, Uruguai e na capital gaúcha, Porto Alegre. A partir de observações de campo, os autores descrevem como se dá a concorrência entre estes pastores e estas igrejas o avanço da tecnologia, principalmente a Internet, na divulgação de cultos e ações da igreja, e se tornou um forte aliado de propagação da igreja ocasionando uma maior autonomia e hierarquia na comunidade local e global, de suas intenções de internacionalização da igreja, por meio de viagens de pastores a congressos em países da América do Sul, bem como para a Europa, tornando-se pessoas influentes dentro da igreja e fora dela, prestando seus serviços nas redes transnacionais em que atuam, compartilhando suas crenças no mundo todo, mesmo que isso se transforme, conforme apontam os autores, em uma “guerra espiritual” com outros grupos religiosos.

* Mestrando em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Bolsista PROMOP vinculado ao Laboratório de Relações de Gênero e Família – LabGeF. E-mail: a.f.menin@gmail.com

No segundo texto, Eline de Smet, Leticia Tedesco e Marjo de Theije estudam os fluxos migracionais entre garimpeiros, garotas de programa e pastores das igrejas pentecostais e igrejas católicas nas *currutelas* da Pan-amazônia e o seu mecanismo de proporcionar a estes garimpeiros uma visão moral de seus atos, afastando-os dos desejos do consumo conspícuo, as autoras analisam a vida destes homens e mulheres migrantes, que são, frequentemente, transportados de garimpos a garimpos em busca de ouro, e como a igreja, especialmente pentecostal Deus é Amor e Assembleia de Deus, interfere e transforma o cotidiano em suas crenças e valores morais. As autoras buscam analisar suas vidas antes e depois de ingresso na vida religiosa, e como os contatos sociais são modificados depois do *amigamento* e do ingresso da família na igreja por meio destes fluxos de pastores, garimpeiros e prostitutas nestes espaços.

No terceiro capítulo, Linda Van de Kamp estuda a transnacionalização religiosa de neopentecostais brasileiros para a África, especialmente em Moçambique, e os conflitos que ocorrem entre as mulheres urbanas moçambicanas e as velhas práticas de “macumba” com as imposições de pastores brasileiros, principalmente da Igreja Universal do Reino de Deus, que, na década de 90, partem para missões internacionais e essa visão distorcida da espiritualidade africana é levada pelos pastores neopentecostais brasileiros para Moçambique, e a ênfase entre o reino da luz e o reino das trevas. O pentecostalismo teve um significativo aumento em Maputo, capital de Moçambique, houve uma “migração” das: “palhoças de curandeiros para os templos brancos das igrejas pentecostais” (KAMP, 2012, p. 66). O rompimento das práticas socioculturais religiosas da África, principalmente das mulheres depositárias destas heranças, é bem significativo com a presença de pentecostais brasileiros, que carregam um imaginário demonizado da religião africana, e, com isso, introduz novas olhares e determinações para questões de gênero, principalmente para as mulheres que, a partir de então, passam a ter uma visão nova de família, casamento e trabalho.

No quarto capítulo, João Rickli analisa os processos de redes criados por neopentecostais no Brasil e na Holanda, e como estes jogos de alteridade são apresentados por estes grupos. O autor analisa a imigração de pentecostais holandeses para Castrolanda, Arapoti e Carambeí no Paraná, e, a partir disso, discorre sobre a negociação da alteridade entre o “nós”, os migrantes, e o os “outros”, os brasileiros, a partir do estabelecimento da Igreja Evangélica Reformada (IER) em

1965, período este de grandes mudanças no catolicismo brasileiro e que, segundo o autor, vai fazer com que neopentecostais holandeses concebam uma visão imaginativa do Brasil a partir do catolicismo: “o paganismo, o sincretismo, o secularismo e o espiritismo” (RICKLI, 2012, p. 83). É nestas visões de “terra incógnita” que os pastores pentecostais reforçam criar um sentido de unicidade e missão para estas comunidades por meio de um caso etnográfico um culto de Ação de Graças pelos 50 anos da colônia de Castrolanda/PR e, durante a cerimônia, o autor percebe a alteridade entre “nós” e “eles” entre “aqui” e “lá”, a partir de como o Brasil é retratado na cerimônia e como eles se autorretratam, essas representações buscam dar um sentido de laços transnacionais aos filhos de imigrantes. É importante dizer que a IER da Holanda teve uma participação grande nas missões realizadas nas colônias, sobretudo financeira, até o ano de 2007, quando a igreja deixou de receber apoio. Entretanto, as fronteiras entre nós e eles estão em constantes alteridades e são negociadas diariamente.

Bernardo Lewgoy, no quinto capítulo, analisa os fluxos entre Brasil e Europa a partir das redes transnacionais de Kardecistas brasileiros. E, em sua pesquisa, Lewgoya aponta as causas desta “exportação” do espiritismo brasileiro que estão, sobretudo, em ações da FEB (Federação Espírita Brasileira) em que se formaram laços e núcleos em diferentes países, sobretudo a partir dos investimentos por meio de palestras, congressos internacionais, de eventos inspirados na psicologia transpessoal, entre elas, “Saúde Espiritual”, “Mediunidade e Bem-Estar”, e referências bibliográficas brasileiras, sobretudo de Chico Xavier e pós-Chico Xavier. Segundo o autor, eles buscam uma maior visão e entendimento sobre o que é o espiritismo, onde, no Brasil, ainda se enfrentam visões distorcidas sobre a prática. A globalização, neste caso, privilegia um estilo de religião global, e que se valem de meios de comunicação, e de sua propagação e aceitação. Com a criação da AME – Associação de Médico-Espirituais e AME – Internacional, evidencia-se essa ênfase de propor uma dimensão científica ao espiritismo, o que criou circuitos nacionais e internacionais de atuação espírita.

No sexto capítulo, Judith Kolen estuda os rituais de peregrinações espíritas de Donegal na Irlanda por católicos aos santuários de Lourdes na França e Medjugorje na Bósnia-Herzegovina. A análise de um trabalho de campo feito no santuário de Medjugorje e o sentimento dos peregrinos irlandeses ao estar neste ambiente, nesse

local, de se expressar, de criar redes sociais e religiosas, esse relato também é feito do santuário de Lurdes. O que a autora busca colocar em questão é: Como em pleno momento de secularização crescente da igreja católica esses peregrinos continuam seus rituais? O que pode ter uma explicação são os vários significados que, para os peregrinos continuarem, é o sentimento de renovação da fé, curas miraculosas ou promessas feitas, além dos significados individuais, os peregrinos de Donegal indicam sentimento de solidariedade, e, ainda, de turismo religioso, esses significados são construídos de uma relação e de uma interação entre a pessoa peregrina e o lugar. Nesse sentido, o campo religioso oferece oportunidades, expectativas, necessidades e desejos transnacionais de reafirmação, mesmo que em crescente declínio.

Andrea Damacena Martins, no sétimo capítulo, aborda as tensões e conflitos da igreja católica portuguesa em Haia, na Holanda. A igreja que, inicialmente, foi pensada e organizada por famílias imigrantes portuguesas, em Haia, em 1965, passou, ao longo desses anos todos, recebendo migrantes de várias partes do mundo, brasileiros, moçambicanos, angolanos, entre outros, que passam a conviver e a dividir diferentes formas de laços socioculturais e religiosos. A realocização de Nossa Senhora de Aparecida por migrantes brasileiros no cenário católico da igreja em Haia serve para mostrar os confrontos, as fronteiras e as tensões culturais entre os católicos portugueses fiéis de Nossa Senhora de Fátima e brasileiros, de Nossa Senhora Aparecida. É possível observar, nesse texto, as constantes ressignificações de identidades negociadas entre eles, brasileiros e portugueses, mas, também, de uma resistência de católicos brasileiros a seguirem outras experiências religiosas e, desta forma, reafirmarem sua identidade religiosa no contexto transnacional.

Finalmente, no oitavo e último capítulo, Ana Paula Pimentel Walker e Carlos Alberto Steil estudam a transnacionalização religiosa a partir da Renovação Carismática Católica entre hispânicos do México na cidade de San Diego na Califórnia. A migração e os fenômenos de exorcismo, transe, pregações e orações de latinos em San Diego que buscam a cura e o perdão são possíveis de se compreender a partir dos fenômenos do conceito de “entre-lugar” de Homi Bhabha (1998), ou seja, estar entre dois modos de vida, entre duas culturas e entre dois idiomas. Os latinos, em seus cultos, continuarão a utilizar o espanhol, mesmo que seus filhos tenham nascido no EUA, o que caracteriza como a necessidade de um “passado-presente”, de

estar ligados a Tijuana, no México. Outra questão é a experiência do perdão, o processo de conversão se expressa pela ruptura com o passado por meio da libertação, mais do que isso, com a cura que é ressignificada pelo perdão. Os autores se utilizam das reflexões de Hannah Arendt (1989) de seu livro *A condição humana*: “O poder de perdoar não deriva de Deus, mas, ao contrário deve ser exercido antes pelos seres humanos entre si...” (STEIL;WALKER, 2012, p. 178), desta forma, o perdão rompe com o passado “obscuro” para “renascer no Espírito”, esse perdão é presidido por outro e diante de outros.

A obra e seu conjunto de textos formam uma mostra extremamente esclarecedora para a compreensão dos processos de transnacionalização religiosa, seus conflitos e suas identidades na contemporaneidade, em choque com outras visões de mundo por meio do religioso. Suas tramas e suas redes que se cruzam e buscam alimentar alianças e relações significativas para as novas configurações do religioso. Por fim, os autores buscam analisar nos processos de transnacionalização religiosa manifestações, bem como apresentam verdadeiros mecanismo globalizantes para atuar nos contextos de globalização atual, que são originais as questões contemporâneas dos rituais em várias partes do mundo.

Referências Consultadas

ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro; Ed. Forense-universitária, 1989.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte; Ed. UFMG, 1998.

Recebido em Junho de 2015
Aprovado em Junho de 2015